

O sertão além das fronteiras: a revitalização do regionalismo na formação da identidade nacional na obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa

Prof^o Dr^o Edgar César Nolasco¹ (UFMS)
Mestranda Priscila de Cássia Pinheiro Castilho² (UFMS)

Resumo:

Este artigo propõe, com base na Teoria da Transculturação proposta por Angel Rama, uma análise sobre a revitalização do regionalismo. O corpus a ser analisado é o romance de João Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas (1956), no qual o narrador-protagonista Riobaldo, ex-jagunço, narra sua história a um interlocutor oriundo da cidade. Nesse enredo, têm-se dois tempos narrativos: passado e presente. No entrecruzamento desses dois tempos, percebe-se a revitalização do conceito de regionalismo com os diálogos culturais entre o local e o global, tradição e modernidade protagonizados pelos personagens Riobaldo e seus interlocutores, Zé-Bebelo, Joca Ramiro, Hermógenes, Diadorim, entre outros. Contudo, pretende tratar da articulação entre regional e nacional presente nessa narrativa visando à produção de novos sentidos sobre a identidade nacional.

Palavras-chave: regionalismo, transculturação, Grande sertão: veredas, identidade.

Introdução

O presente trabalho, parte de um projeto de dissertação de mestrado, tem como objetivo conceituar o regional em articulação com o nacional, visando à produção de novos sentidos e novas leituras sobre a identidade nacional por meio da obra *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa. Objetiva também trabalhar a questão do regionalismo, entender seu processo de revitalização em um momento que se encontrava rechaçado pela literatura e pela crítica.

Este trabalho sustenta-se na teoria de Transculturação proposta por Angel Rama na década de 1970, contando também com contribuições de outros teóricos e críticos como Hugo Achugar, Marli Fantinin, Éttore Finazzi-Ágro, Luiz Roncari, entre outros. E está dividido em duas partes: a primeira tratará da mudança do conceito “regionalismo” sobre o viés da Transculturação e de como essa mudança se estendeu à transformação da identidade nacional; a segunda demonstrará com trechos da obra em questão a articulação dos pólos: o regional e o nacional por meio dos diálogos culturais dos personagens.

Durante algum tempo, após ter sido trabalhado exaustivamente, o tema **regionalismo** esteve à margem no âmbito dos estudos literários. Mas, com o advento dos estudos culturais, tornou a ser trabalhado e de maneira renovada. É válido observar que os estudos culturais não é uma corrente crítica restrita, de conhecimento próprio, hierarquizada, com princípios fixos, e sim aberta, sem fronteiras entre os conhecimentos humanos, pois se utiliza de vários suportes teóricos para construir ou desconstruir sua própria teoria no intuito de desenvolver uma nova leitura dos produtos culturais

¹ Edgar César NOLASCO, Professor Doutor.
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul UFMS/CPTL
E-mail: ecnolasco@uol.com.br

² Priscila de Cássia Pinheiro CASTILHO, Mestranda, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - CAPES.
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul UFMS/CPTL
E-mail: priedcastilho@hotmail.com

produzidos em países periféricos, como por exemplo, a literatura latino-americana que para entendê-la como produto se faz necessário um estudo comparado entre história, antropologia, literatura e outras áreas do conhecimento.

O regionalismo, enquanto estética literária surgiu durante o Romantismo (século XVIII) com o objetivo de descrever o lugar, a cor local, personagens da terra, o cenário brasileiro. Porém, as cidades utilizadas como cenário nacional eram as metrópoles, Rio de Janeiro e São Paulo, as regiões interioranas ficavam no esquecimento, não serviam de cenário. Além disso, a estrutura do texto literário regionalista seguia modelos europeus. Esse regionalismo foi fortemente criticado e rejeitado pela estética e crítica naturalista (século XIX) que pregava o darwinismo social e o evolucionismo de Spencer, e tinha como representantes entre os escritores brasileiros: Inglês de Souza, Oliveira Paiva, Afonso Arinos, os paulistas Monteiro Lobato e Valdomiro Silveira e o gaúcho Simões Lopes Neto. Posteriormente, seguindo uma tendência naturalista, o regionalismo passou a produzir descrições não-utópicas dos fatos, atravessadas pelo pessimismo e o fatalismo, como não ocorrera, anteriormente, em sua fase romântica.

Segundo Galvão (2000), o regionalismo romântico e o naturalista conseguiram mapear a paisagem e as condições sociais das regiões brasileiras por meio de um levantamento dos vários tipos humanos presentes em cada região: o caipira, o jagunço, o vaqueiro, o tropeiro, o capanga, etc.

O auge da temática regionalista ocorre em *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha, que aponta para uma possibilidade do Brasil constituir-se nação, ou seja, construir uma identidade nacional. *Os Sertões* é uma obra filiada aos padrões estéticos do Naturalismo, mas também permeada pelo parnasianismo e romantismo, e com um diferencial, Euclides da Cunha conseguiu substituir a visão dos escritores naturalistas sobre o povo brasileiro, estereotipada e acabada, por uma visão histórica, ou seja, trouxe para a literatura uma explicação da condição humana brasileira pautada na história e da ciência.

De 1930 até meados de 1940, manifesta-se um terceira corrente regionalista que recebe o nome de neo-regionalismo ou regionalismo de 1930. Essa corrente primava pela denúncia social, por mostrar as mazelas das regiões longínquas e esquecidas da e pela capital. Nesse período, vem à tona a consciência de subdesenvolvimento, o estado de euforia diante do belo cenário brasileiro se transformando ao perceber que o país de vegetação rica e paisagem tropical era composto também por solos pobres, pela miséria da população, técnicas de produção arcaicas. A miséria do povo e autoritarismo dos governantes passam a ser os temas mais recorrentes nos trabalhos dos escritores regionalistas como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, José Lins do Rego.

Para Candido,

A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro, e o único resto de milenarismo da fase anterior talvez seja a confiança com que se admite que a remoção do imperialismo traria, por si só, a explosão do progresso. (CANDIDO, 1987, p.142)

A conscientização a respeito do subdesenvolvimento do país desperta para a necessidade de mudanças, principalmente na literatura. A postura passiva, característica da noção de país novo que teve início com a Independência do Brasil até 1930 onde predominava um sentimento de euforia em relação ao tempo presente e esperança em relação ao futuro, cede espaço para uma postura literária mais ativa diante da realidade. Além disso, subdesenvolvido torna-se matéria da produção intelectual como pode ser observado em algumas narrativas como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Essa terceira corrente regionalista ocasionou um esgotamento do tema levando-o a exaustão.

Na década de 1950, quando parecia que a estética do regionalismo havia se esgotado, surge Guimarães Rosa transformando a literatura regionalista brasileira. Como bem afirma Candido, nesse momento tem início uma nova fase do regionalismo, o super-regionalismo:

[...] uma espécie de superação do nacionalismo romântico, mediante o uso do tema regional como veículo de uma expressão de cunho universalista. O que era na modalidade mais típica do particular nacional se torna fórmula do que há de mais geral. De certo modo, o particularismo romântico (regionalismo, no caso) acompanhou as mudanças da literatura e acabou se expandindo no universalismo do discurso moderno (super-regionalismo) (CANDIDO, 1999, p.112).

Guimarães Rosa conseguiu ultrapassar a fronteira do regionalismo denunciativo ao transcender sua região para o universal. Em outras palavras, o tema regional continua sendo largamente utilizado para atingir uma expressão universal onde o ser humano é a ponte que liga o regional e o universal. A premissa que este trabalho defende é que essa atitude transcendental de Guimarães Rosa se efetou devido as mudanças políticas e sociais que a nação estava vivendo em nome do progresso. Em meados da década de 1940 até o final da década de 1950, o Brasil estava passando pelos seguintes momentos: em 1945, houve o fim da Ditadura de Getúlio Vargas, o começo da redemocratização; o retorno de Getúlio Vargas como presidente da nação, defensor do nacionalismo econômico, da implantação da PETROBRÁS. Em 1956, com o governo de Juscelino Kubitschek, adentra a indústria automotiva no Brasil, a Ford, Volkswagem e Mercedes Benz; acontece a construção de Brasília como um monumento hegemônico da memória brasileira em relação ao progresso.

Diante do que foi exposto, percebemos que todas as fases do regionalismo foram sempre movidas por transformações sociais e culturais da nação que chegam às suas regiões mais distantes. Quando essas mudanças influenciam ou impulsionam as regiões internas da nação, ou seja, as regiões que estão longe das metrópoles nacionais a tomarem posicionamentos diante da modernização do país, os conflitos culturais se instauram. Esses conflitos recebem o nome de Transculturação, duas culturas distintas entram em confronto, uma nacional ancorada em bases modernizantes e outra regional embasada em suas tradições, resultando em uma nova articulação cultural.

1 Transculturação: projetos e processos nacionais

O regionalismo surgiu como uma forma de originalidade, independência e representatividade literária da América Latina, assim como outras correntes, que defendiam grupos sociais ou lugares específico, motivadas pelo desejo do continente de ser independente de suas fontes colonizadoras.

De acordo com Rama,

o regionalismo acentuava as particularidades culturais que se haviam forjado nas áreas internas, contribuindo para definir seu perfil diferente e, ao mesmo tempo, para reinseri-lo no seio da cultura nacional que cada vez mais respondia a normas urbanas (RAMA, 2001, p. 253).

Segundo Galvão “o regionalismo foi uma manifestação literária que em parte se opunha ao que ocorria nas matrizes européias, por isso reivindicando a representação da realidade local” (GALVÃO, 2000, p.14).

Candido afirma que Regionalismo “designa, sobretudo a narrativa cujo tema é a vida nas zonas afastadas, com usos e modos de falar próprios, em grande parte de cunho arcaico” (CANDIDO, 1999, p.111).

Quando se trabalha Regionalismo, é inevitável não salientar a importância da **tradição**, um componente resistente perante o tempo e diante das mudanças políticas e culturais. A tradição se manifesta nas histórias locais, lendas e na fala particular. Cada região tem suas tradições enraizadas, isso faz com que se forme uma nação culturalmente heterogênea. Para Rama,

O componente tradição, que é um dos traços obrigatórios de toda definição de cultura, era realçado pelo regionalismo, embora com evidente esquecimento das modi-

ficações que progressivamente já vinham sendo impressas na bagagem tradicional anterior. Tendia, portanto, a expandir nas expressões literárias uma fórmula historicamente cristalizada da tradição (RAMA, 2001, p.253).

No século XX, iniciou-se um projeto de modernização que iria mudar os aspectos culturais e sociais dos países periféricos, as metrópoles nacionais tinham como proposta um processo homogeneizante baseada em modelos internacionais. As regiões interioranas começaram, então, a travar um combate contra essa modernização, a homogeneização, adotando uma posição agressivo-defensiva, afinal de contas,

A heterogeneidade foi e é, de algum modo, uma reivindicação e uma característica do discurso da resistência, diante de um projeto homogeneizante, e está relacionado à heterogeneidade, à fragmentação cultural, à fragmentação da sociedade, entre outras. O discurso ou a teorização da resistência (...) contempla, ao mesmo tempo e paradoxalmente, uma homogeneização pós-nacional e um desenvolvimento de identidades mais profundas em seu acentuado localismo. O modo de resistir a essa globalização, ou a essa homogeneização, consistiu, precisamente, em afirmar a heterogeneidade, a diversidade, a multiplicidade. (ACHUGAR, 2006, p.151).

Essa resistência acontece ainda hoje devido ao fato da nação, ainda, não ter construído um discurso democrático que contemple a diversidade cultural e social. A partir disso, se faz necessário repensar o que é a nação, sendo esta a primeira tradição existente no cenário latino-americano.

Para repensar cabem alguns desafios à tradição: mudanças, recuperação e esquecimento. Segundo Achugar (2006) a nação tem que ser vista como um espaço inclusivo e respeitoso da diversidade, e não como um simples lugar simbólico de um povo homogêneo. A identidade latino-americana é marcada e composta pelas diferenças.

Durante os anos de 1930, após o Manifesto Regionalista (1926) liderado por Gilberto Freyre, o regionalismo ancorou-se no isolamento de suas regiões que desenvolviam suas próprias normas culturais. Essa atitude implica o fechamento da influência que as metrópoles poderiam exercer sobre essas regiões, no entanto, o resultado foi o inverso, pois essa posição só acelerou o processo e projeto de modernização do país.

Diante desse cenário conflitante entre regional e o nacional, os escritores regionalistas que surgiram depois de 1940 só tinham uma escolha a fazer: retroceder, ou seja, voltar nos primórdios do tema regional na literatura, ou renunciar sua raiz temática, o regional. Como solução para esse impasse, eles prefeririam uma atitude dialética: lançar mão das contribuições da modernidade e sob a sua luz, revisar os conteúdos da cultura regional, ou seja, revisar as tradições. O resultado obtido foi um produto híbrido, capaz de continuar transmitindo a herança recebida que se renova sem perder as raízes do passado.

Guimarães Rosa adotou essa postura ao não excluir a modernidade do seu discurso, utilizou dela para examinar a cultura regional de Minas Gerais, avaliou quais os produtos culturais locais não seriam sucumbidos pela modernidade. Sua atitude visou registrar a cultura de seu povo em uma época que a tendência era o esquecimento, combustível para a modernização proposta pelas camadas hegemônicas do poder. Assim, o escritor consegue atravessar as fronteiras nacionais e continentais revendo seu obstinado projeto de conservação e desenvolvimento das culturais locais.

Grande sertão: veredas surgiu em uma época em que o Brasil estava se desenvolvendo, se modernizando, o que poderia ocasionar um desenraizamento da tradição cultural. Esse surgimento, certamente, não foi uma mera coincidência, pois o romance propõe uma transformação do debate sobre uma construção identitária nacional. Conceitos como nação, mundo, entre outros que haviam sido construídos, nesse trabalho, iriam ser desconstruídos e transformados dentro da realidade vivenciada. No romance em questão, o tensionamento entre tradição (regional) e a modernidade (nacional) revela uma analogia com os macroprocessos de formação cultural e lingüística da América

Latina. Rosa opera no sentido de buscar correspondências com o complexo de assimilação - resistência implicada no embate entre culturas distintas quando encena a relação “de um personagem culto, vindo de fora, com outro, autóctone, cuja leitura de mundo, geralmente iletrada, guarda parentesco com a perspectiva mitopoética remanescente da tradição oral” (FANTINI, 2003, p.76-77).

O autor faz um novo exame das tradições locais que foram se endurecendo para encontrar soluções que lhe permitissem absorver a influencia modernizadora e dissolvê-la como um fermento em estruturas literárias mais amplas, como por exemplo, o romance, nas quais se continue traduzindo a problemática e as peculiaridades da nação que são as origens colonizadoras da nação. Esse movimento de reimersão na cultura local é chamado de **plasticidade cultural** por saber conjugar as contribuições de uma cultura tradicional e outra modernizada, componentes da tradição são recuperados e passam a ser revitalizados diante da agressiva força modernizadora.

Nos grupos regionalistas plásticos, acentua-se o exame das tradições locais, que estavam se esclerosando, para revitalizá-las. Não podemos renunciar a elas, mas podem revê-las á luz das mudanças modernistas, escolhendo aqueles componentes que possam ser adaptados ao novo sistema em curso. (RAMA, 2001, p.256).

O processo de plasticidade cultural só pode acontecer nos parâmetros da transculturação, provoca a relação de transitividade entre culturas em confronto, trazendo como resultado uma relação sem dominantes e dominados. O conceito de transculturação foi criado pelo crítico cubano Fernando Ortiz (1881-1969) e aprimorado pelo crítico uruguaio Angel Rama no que tange ao campo da literatura e cultura da América Latina.

Segundo Ortiz,

[...] o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura distinta, que é o que a rigor indica o vocábulo anglo-americano aculturação, mas que o processo implica também necessariamente a perda ou desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma desculturação parcial e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados neoculturação (ORTIZ *apud* AGUIAR; VASCONCELOS, 2004, p.88).

Para Rama o processo transcultural ocorre em três etapas: a primeira consiste em uma parcial desculturação, um perda de componentes obsoletos da cultura tradicional, em outras palavras, são lançados aqueles elementos e valores que não suportariam o impacto modernizador; a segunda é a aculturação, a incorporação de elementos da cultura externa; e por fim a relação entre elementos da cultura externa e interna, a tradição e a modernidade.

O processo de transculturação “permite descrever um processo no qual duas culturas em situação de encontro ou confronto, resultam modificadas, dando origem a algo novo, original e independente” (AGUIAR; VASCONCELOS, 2004, p.87). Esse processo está relacionado a duas tarefas que o escritor tem que realizar. A primeira é uma tarefa seletiva, a busca de valores resistentes, capazes de enfrentar a transculturação. Guimarães Rosa ao escrever *Grande sertão: veredas* designa ao seu personagem Riobaldo a função de guardião da memória do sertão mineiro, conseqüentemente das lendas, histórias mais importantes que compõem a identidade e o imaginário daquele local. Essas histórias compõem uma rede de tradições enraizadas no tempo e no espaço da nação, portanto não é possível a modernidade sucumbir-lhas diante do processo homogeneizador. A segunda tarefa é inventiva, é o trabalho com duas fontes culturais distintas, a saber, uma cultura tradicional e uma modernizada para produzir uma nova cultura, isto é, neoculturação. No romance isso está claro no “mono-diálogo” de Riobaldo e o seu interlocutor, duas culturas distintas, pois Riobaldo pertencia a tradição e o interlocutor pertencia aos grandes centros nacionais, produzindo uma narrativa, um produto novo, híbrido.

No conflito entre culturas há um fortalecimento das culturas interiores do continente, não por usarem suas tradições como armadura, mas por se transculturarem sem renunciar suas raízes mais profundas. Desta forma, solidificam as culturas nacionais

emprestando-lhe elementos e energia para não ceder simplesmente ao impacto modernizador externo em um exemplo de extrema vulnerabilidade. A modernidade não é renunciável, e fechar-se a ela é suicídio, assim como também o é negar-se a si mesmo para aceitá-la (RAMA, 2001, p.294).

Para Rama (2001), os escritores que viveram em suas províncias e saíram para os grandes centros são os que souberam mesclar os impulsos modernizadores e as tradições localistas em suas literaturas. Esses acharam as melhores soluções para trabalhar esteticamente a tensão local e global, regional e nacional que é inerente aos países da América Latina. Portanto, o conceito de transculturação aliado a análise literária constituía a base da reflexão de Rama sobre a literatura e cultura na América Latina.

Angel Rama (2001), ao elencar os principais transculturadores: Gabriel García Marques, Juan Rufo, José Maria Arguedas e João Guimarães Rosa, define o escritor brasileiro como o **mineiro universal** que estabelece uma transitividade entre os elementos da cultura regional e uma composição artística disciplinada pelas modernas formas de conceber uma narrativa.

Durante uma entrevista a Günter Lorenz no Congresso de Escritores Latino-Americanos, Guimarães Rosa deixa claro seu compromisso com o embargo de transculturar, mediar as relações conflitantes entre culturas para contribuir no processo de modernização literária e cultural do continente e afirma também que no século XXI a literatura mundial vai voltar seus olhos para a literatura da América Latina, pois o século do colonialismo terminou (LORENZ, 1991).

De acordo com Rama (2001), o transculturador é o mediador de duas urbes culturais desconectadas: o interior regional e o externo universal. Fantini acrescenta, “os transculturadores são produtores culturais que constroem a partir de cenários discursivos, as pontes indispensáveis para resgatar culturas regionais soterradas pelo impacto da modernização” (FANTINI, 2003, p.77).

2 Diálogos Culturais

A transculturação além de ser um processo em que duas culturas em conflito resultam em um produto novo, é também uma forma de diálogo cultural a partir do momento que se trabalha com duas fontes culturais. Em *Grande sertão: veredas*, percebemos uma série de diálogos culturais, pois Riobaldo conta toda sua saga jagunça a um interlocutor culto vindo de grandes centros que quer conhecer as tramas da tradição regional sertaneja. Os diálogos se dão a partir de relações entre local e global, tradição e modernidade.

Ao desafiar a cultura tradicional a desenvolver suas potencialidades produzindo novos sentidos, Guimarães Rosa cria três vetores: o vetor da resistência tradicionalista; o vetor do impulso modernizador e por fim o vetor da mediação. Em cada vetor há personagens que encenam essa relação pendular. No vetor da resistência tradicionalista “encontra-se personagens representativas da região e defensoras de suas tradições” (FANTINI, 2003, p.77). Neste grupo estão diversos personagens tais como Joca Ramiro, Hermógenes, Ricardão, Diadorim. Dentro do espaço limitado desse artigo, vamos nos deter somente na figura de Joca Ramiro.

Joca Ramiro é o líder mais venerado e idolatrado do sertão e dos jagunços. Segundo Roncari ele tinha “propriedade, linhagem e tradição; tino e verbo políticos, força guerreira e poder de comando, e astúcia, sendo tudo complementado então com o último poder da grandeza real, a saber, o poder de justiça” (RONCARI, 2004, p.270).

Essa afirmação pode ser legitimada na descrição de Riobaldo sobre Joca Ramiro em sua chegada ao sertão

A figura dele. Era ele, num cavalo branco – cavalo que me olha de todos os altos. Numa sela bordada, de Jequié, em labores de preto-e-branco. As rédeas bonitas, grossas, não sei de que trançado. E ele era um homem de largos ombros, a cara grande, corada muito, aqueles olhos. Como é que vou dizer ao senhor? Os cabelos pretos, anelados? O chapéu bonito? Ele era um homem. Liso e bonito. Nem tinha mais outra coisa em que se reparar. A gente olhava, sem pousar os olhos. A gente tinha até medo de que, com tanta aspereza da vida, do sertão, machucasse aquele homem maior, ferisse, cortasse (ROSA, 2006, p.249).

E por cima de mim e dele, estava Joca Ramiro. Pensei em Joca Ramiro. Eu era feito soldado, obedecia a uma regra alta, não obedecia àquele Hermógenes (...) Mas Joca Ramiro parava por longe, era feito uma lei, uma lei determinada (ROSA, 2006, p. 202).

Neste último trecho citado do romance, Riobaldo afirma que Joca Ramiro era uma lei distante, porém determinada. A tradição está explícita na figura de Joca Ramiro que representa o lado justo e correto da jagunçagem, que é uma cultura local que tem raízes profundas. A tradição é algo distante, vem de gerações, porém é respeitada, valorizada e, principalmente, cultivada.

No vetor do impulso modernizador encontramos o personagem Zé-Bebelo, homem da política, cujo sonho era ser deputado, que tem com projeto trazer a modernidade ao sertão acabando com o sistema jagunço. Seu intuito era “desentocar o atraso, modernizar o sertão e integrá-lo verdadeiramente à nação” (RONCARI, 2004, p.281).

“Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas” (ROSA, 2006, p.131).

Há um momento no romance em que Zé-Bebelo vai a julgamento por Joca Ramiro, um dos ápices da narrativa, como são dois vetores diferentes percebemos no diálogo a seguir as trocas culturais desses personagens:

- “O senhor veio querendo desnortear, desencaminhar os sertanejos de seu costume velho de lei...”
- “Velho é, o que já está de si desencaminhado. O velho valeu enquanto foi novo...”
- “O senhor não é do sertão. Não é da terra...”
- “Sou do fogo? Sou do ar? Da terra é a minhoca – que galinha come e cata: esgravata!”(ROSA, 2006, p.260-261).

Esse diálogo relata bem a batalha cultural entre tradição e modernidade. Além disso, tem um cunho humorístico e mostra o caráter antiquário da tradição e o caráter intransigente da modernidade, cujo objetivo é acabar com leis retrógradas que impedem um maior avanço do projeto de homogeneização cultural da nação.

No vetor da mediação situa-se o narrador-personagem e um elemento externo à obra identificado como o destinatário, onde os dois são portadores de um legado cultural e têm como tarefa promover a inter-relação da tradição regional com a cultura modernizadora nacional. O princípio de mediação se faz fortemente presente *Grande sertão: veredas*. Riobaldo é o mediador entre as duas esferas: tradicional e modernidade, e ele próprio exemplifica isso por ser jagunço e letrado, juntamente com seu interlocutor. Façamos um parêntese para entender Riobaldo. Rama (2001) afirma que Riobaldo é o filtro transculturador da obra, pois ele transita os pólos da modernidade e da resistência para zelar o seu papel de mediador, já que todo transculturador é um mediador de culturas em confronto.

“Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo” (ROSA, 2006, p.35).

Durante a travessia, Riobaldo nem percebe que já está no meio dela, no meio do redemoinho cultural, porém tem consciência de seu papel transculturador, pois, as trocas simbólicas e culturais são instituídas por ele. Para esse fim, é fundamental que Riobaldo se mantenha numa posição independente ou distanciada em relação aos bandos e sistemas aos quais se associa e dos quais se dissocia.

“Eu, quem é que eu era? De que lado eu era? Zé-Bebelo ou Joca Ramiro? Tião Passos... o Reinaldo... De ninguém eu era. Eu era de mim. Eu, Riobaldo” (ROSA, 2006, p.151). Neste trecho comprova-se a transitividade de Riobaldo entre os bandos, pois não está enraizado em nenhuma tradição, nem em um empenho modernizador e muito menos a uma facção jagunça.

Conclusão: travessia inconclusa

Com o desenvolver deste trabalho, pôde ser observado que esses conflitos culturais acontecem impulsionados pelo desejo de uma identidade cultural latino-americana. Em *Grande sertão: veredas* percebe-se a procura dessa identidade. A obra representa o território brasileiro composto por brechas, vazios e silêncios.

A identidade nacional brasileira reflete o caráter conflito de uma cultura que se estabelece a partir de um choque entre suas duas heranças: uma cultura lógico - racional imposta pelos colonizadores e uma cultura mítico - social, tradicional, local. O regionalismo como uma alternativa de originalidade e independência em relação às fontes colonizadoras precisou se renovar para atingir um resultado aprazível diante dos fenômenos de modernização e homogeneização.

Guimarães Rosa quando indagado se sua obra era ou não regionalista, respondeu:

Sim e não. É necessário salientar pelo menos que entre nós o “regionalismo” tem um significado diferente do europeu (...) Ah, a dualidade das palavras! Naturalmente não se deve supor que quase toda a literatura brasileira esteja orientada para o “regionalismo”, ou seja, para o sertão ou para a Bahia. Portanto, estou plenamente de acordo, quando você me situa como representante da literatura regionalista; e aqui começa o que eu já havia dito antes: é impossível separar minha biografia de minha obra. Veja, sou regionalista porque o pequeno mundo do sertão (...) este mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, diria mesmo o modelo de meu universo (LORENZ, 1991, p.66).

A revitalização do regionalismo se dá no momento em que quanto mais local, tradicional é a representação simbólica (literatura), maior é o grau de universalidade do local. Conforme postulava Tostói, “se queres ser universal, cante sua aldeia”. O conceito de transculturação auxilia essa revitalização a partir do pressuposto de que as memórias de uma região não devem ser apagadas ou esquecidas, mas sim lembradas e revitalizadas no afã de uma identidade que se baseia nas diferenças.

O Brasil rosiano pode ser lido como um lugar no qual sempre se entrecruzam dúvida e a certeza, cidade e o interior, autonomia e a dependência. É possível compreender a escrita rosiana como o “entre-lugar” do discurso latino-americano, termo criado por Silviano Santiago (2000) retrata bem a situação geográfica e cultural da América Latina, que é um movimento de obediência e simultaneamente de agressividade aos modelos hegemônicos. Quando Rosa afirma que “o sertão é sem lugar” (ROSA, 2006, p.354) ele exemplifica que este lugar são todos os lugares juntos, são formados por veredas, veredazinhas á busca de uma identidade nacional.

Para Finazzi - Agro

Se a nacionalidade que a obra rosiana nos descobre é com certeza sem lugar, se ela é puramente deslocada (exilada, em transito) é porque abriga dentro de si mesma o limite, permitindo, por isso tomar conta do Espaço nacional na sua essência arquetípica e na sua existência histórica complexa (FINAZZI - ÁGRO, 2001, p.103).

Esse espaço nacional se forma através de muitas veredas que estão interligadas. Ao analisarmos o título do romance nos deparamos com uma possível interpretação: **Grande sertão** é o país Brasil, ou o mundo já que inúmeras vezes o sertão é comparado ao mundo. Este lugar global se forma e se transforma a partir das **veredas**, caminhos pequenos, caminhos de água que constituem do sertão, que o deixa formoso na aparência e na essência, onde estão várias culturas desse país, identidades que só poucos conhecem.

Em suma, a identidade nacional é formada por múltiplas culturas, tensões de choque entre elas, aprofundamento e experimentação representados através de uma literatura questionadora que traz em si uma revolução e simultaneamente um movimento reacionário da linguagem e modificação na estrutura literária.

A travessia cultural rumo a um projeto de identidades é infinita, pois as veredas que compõem este sertão brasileiro se encontram no meio da travessia formando outras veredas, outros lugares, como afirma Riobaldo “ao que este mundo é muito misturado” (ROSA, 2006, p.221).

Referências Bibliográficas

- [1] GALVÃO, Walnice. *Guimarães Rosa*. São Paulo, 2000, p.15.
- [2] CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In ____ *A Educação Pela Noite*. São Paulo, 1987, p.142.
- [3] CANDIDO, Antonio. *Remate de Males*. Campinas, 1999, p.112.
- [4] AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra. (Orgs) *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo, EDUSP, 2001. p.253.
- [5] GALVÃO, Walnice. *Guimarães Rosa*. São Paulo, 2000, p.14.
- [6] CANDIDO, Antonio. *Remate de Males*. Campinas, 1999, p.110.
- [7] AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra. (Orgs) *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo. EDUSP, 2001, p.253.
- [8] ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*. Belo Horizonte. UFMG. 2006, p.155.
- [9] ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*. Belo Horizonte. UFMG. 2006.
- [10] FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. São Paulo. Ateliê Editorial e Senac, 2003, p.76-77
- [11] AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra. (Orgs) *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo. EDUSP, 2001, p.256.
- [12] AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra. O conceito de transculturação na obra de Angel Rama. In ____ ABDALA JR, Benjamin (org) *Margens da Cultura*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2004, p.88.
- [13] AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra. O conceito de transculturação na obra de Angel Rama. In ____ ABDALA JR, Benjamin (org) *Margens da Cultura*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2004, p.87.
- [14] AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra. (Orgs) *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo. EDUSP 2001, p.294
- [15] AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra. (Orgs) *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo. EDUSP 2001.

- [16] AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra. (Orgs) *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo. EDUSP 2001.
- [17] LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In_____ *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1991, p.97
- [18] FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. São Paulo. Ateliê Editorial e Senac, 2003, p.77.
- [19] FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. São Paulo. Ateliê Editorial e Senac, 2003, p.77.
- [20] RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo. Editora Unesp e FAPESP, 2004, p.270.
- [21] ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2006, p.249.
- [22] ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira 2006, p.202.
- [23] RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo. Editora Unesp e FAPESP, 2004, p.281
- [24] ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2006, p.131.
- [25] ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2006, p.260-261.
- [26] ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2006, p.35.
- [27] ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2006, p.151.
- [28] LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In_____ *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 1991, p.66.
- [29] SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In_____ *Uma literatura nos trópicos : ensaios sobre dependência cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.17.
- [30] ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira 2006, p.354.
- [31] FINAZZI- AGRÓ, Ettore. *Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços da ficção em João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p.103.
- [32] ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p.221.